



**Campus Universitário Almada
Escola Superior de Educação Jean Piaget /Almada**

Suely Fonseca Da Veiga

A EDUCAÇÃO INTERCULTURAL

**Mestrado em Educação Pré-Escolar
Orientadora: Doutora Clementina Nogueira**

**Dois de Novembro de 2018
Pragal**

Índice

Resumo.....	ii
Abstract	iv
Dedicatória	vi
Agradecimentos	vii
Introdução.....	1
Capítulo I- Práticas de Ensino Supervisionadas (PES).....	4
1. PES I.....	4
2.PES II.....	6
2.1 O meu contributo para a sala verde.....	6
Capítulo II- Identificação do problema/ Fundamentação teórica.....	7
1.A Educação Intercultural	7
2.Diferença entre a multiculturalidade e a interculturalidade	10
3. O papel das instituições escolares na Educação Intercultural	13
4.Objetivos da investigação	17
Capítulo III- Metodologia	19
1.Técnicas de recolha de dados	20
2.Procedimentos	22
3. Caracterização das instituições	22
3.1 Caracterização da instituição nº1.....	22
3.2 Participantes:.....	23
3.3 Caracterização da instituição nº2.....	24
3.4 Participantes.....	25
Capítulo IV- Análise e apresentação de dados.....	27
1. Apresentação dos dados da Instituição nº 1.....	28
2. Apresentação dos dados da Instituição nº 2.....	34
3.Comparação entre as duas instituições	41
Capítulo V- Implicação do estudo para a prática profissional.....	43
Capítulo VI- Considerações finais.....	44
Referências bibliográficas	46
Anexos	48
Apêndices	49

Resumo

O presente relatório tem como tema a educação intercultural. A interculturalidade tem lugar quando duas ou mais culturas entram em interação de uma forma horizontal e coesa. Para tal, nenhum dos grupos se deve encontrar acima de qualquer outro que seja, favorecendo assim a integração e a convivência das pessoas. Desta forma, pretende-se com esta investigação caraterizar a forma como a Educação Intercultural se realiza no contexto pré-escolar e analisar o modo como é feita a abordagem intercultural em duas instituições com Selo Intercultural.

Assim sendo, optamos por escolher duas instituições escolares: um Externato privado, localizado no distrito de Setúbal e um Jardim-de-infância que é uma Instituição Particular de Solidariedade Social (IPSS), localizada no concelho de Loures., (Estas instituições foram uns dos estabelecimentos escolares que receberam o Selo Escola Intercultural pelas suas boas práticas, atribuído pelo Alto Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural (ACIDI, IP) (atual ACM) e pela Direção-Geral da Educação (DGE), em Janeiro de 2016).

Ambas as organizações escolares pertencem à rede de escolas com Selo Intercultural, mas com níveis socioeconómicos diferentes. Essas características possibilitarão a comparação por contraste das realidades existentes nas duas instituições.

A metodologia utilizada assenta num estudo de caso múltiplo em que foram inquiridos os diretores, coordenadores e educadores das instituições já referidas.

A nossa sociedade, em rápida e constante mutação, tem presente em si mesma, cada vez mais, a realidade da diversidade cultural, linguística, religiosa e étnica.

A educação intercultural deve ser entendida como uma mais-valia, pois o reconhecimento das diferentes culturas existentes nas instituições escolares pode trazer vantagens para todos se houver respeito pelas diferenças e o entendimento de que não somos todos iguais e nem temos de o ser. Todos nós temos formas de estar, pensar e sentir diferentes, o que nos torna seres únicos.

Todas as crianças seja de que raça for, seja negra, branca, vermelha, amarela, rapariga ou rapaz, fale a língua que falar, acredite no que acreditar, tenha nascido seja onde for, pense o que pensar ela tem direitos.

Todos nós independentemente das nossas origens podemos contribuir para o desenvolvimento da sociedade em que estamos inseridos e a escola como espaço de igualdade, oportunidades e esperança enfrenta o complexo, porém motivador, desafio de criar dinâmicas que respondam a esta realidade.

Este é, um trabalho que pretende contribuir para uma reflexão sobre a importância da Educação Intercultural e de como esta abordagem trás vantagens para a sociedade intercultural em que vivemos e que nos coloca, constantemente, perante novos desafios.

Palavras-chave: Educação intercultural; multiculturalidade; interculturalidade; papel da escola; igualdade/diferenças; respeito mútuo; educação para a cidadania; sociedade.

Abstract

This report focuses on intercultural education, interculturality takes place when two or more cultures interact in a horizontal and cohesive way. To do this, none of the groups should be above any other, favoring the integration and coexistence of people. In this way, it is intended with this research to characterize the way in which Intercultural Education takes place in the pre-school context and to analyze the way in which the intercultural approach is made in two institutions with Intercultura Seal.

herefore, we chose to choose two school institutions: a Private Externato, located in the district of Setúbal and a kindergarten that is a Private Institution of Social Solidarity (IPSS), located in the municipality of Loures. of the schools that received the Intercultural School Seal for their good practices, awarded by the High Commission for Immigration and Intercultural Dialogue (ACIDI, IP) and the Directorate-General for Education (DGE) in January 2016.

Both school organizations belong to the network of schools with Intercultural Seal, but with different socioeconomic levels. These characteristics will make it possible to compare the realities existing in the two institutions by contrast.

The methodology used is based on a multiple case study in which the directors, coordinators and educators of the aforementioned institutions were surveyed.

Our society, in rapid and constant change, has in itself, increasingly, the reality of cultural, linguistic, religious and ethnic diversity.

Intercultural education should be understood as an added value, since recognition of the different cultures existing in school institutions can bring benefits to all if there is respect for differences and the understanding that we are not all the same and we do not have to be the same. We all have ways of being, thinking and feeling different, which makes us unique beings.

All children, regardless of race, whether black, white, red, yellow, girl or boy, speak the language you speak, believe what you believe, born anywhere, think what you have rights.

All of us, regardless of our origins, can contribute to the development of the society in which we are inserted and the school as a space of equality, opportunities and hope faces the complex but motivating challenge of creating dynamics that respond to this reality.

This is a work that aims to contribute to a reflection on the importance of Intercultural Education and how this approach brings benefits to the intercultural society in which we live and which constantly confronts us with new challenges.

Keywords: Intercultural education; multiculturality; interculturality; role of school; equality / differences; mutual respect; education for citizenship; society

Dedicatória

Pelas casas, ruas e praças há de me encontrar bailando.

Bailando o novo ritmo que nasce do compasso das buscas, indagações, perdas e encontros.

Nasce das entranhas do meu ser, dos acordes do coração.

Coração tecido com tantos fios, tantos povos, sangue dos mais variados que se cruzam, se misturam, chocam, deslizam, harmonizam (negro, indígena, europeu) nessa mistura e diversidade que sou eu!

Eu? No singular? Dentro de mim moram tantos plurais... Encontrar o Outro, a outra que está além de mim... quando em mim moram tantos outros... movimento...desconcerto, harmonia, afino e desafino.

E assim eu sigo bailando, pois meus pés e meu corpo não podem parar.

(Maria Aparecida Marques Fernandes – CF/ Brasil)

Agradecimentos

Acredito na frase que “QUERER É PODER”.

Acreditar em nós próprios é tão importante que chegará um dia em que os outros não terão outra escolha senão acreditar em nós.

Quero agradecer a todos que acreditaram em mim. Começando pela professora Rita Perestrelo, aquela que enquanto eu fazia o curso de auxiliar de educação viu em mim mais do que isso.

Aquela que olhou para as minhas capacidades e disse. “Não podes ficar por aqui Suely, segue para a universidade.”

Eu respondi:

- Oh professora Rita mais praticamente 5 anos de estudo? Isso é muito tempo.”

Ela continuou a encorajar-me e a frase que ficou foi “ Vais em frente porque um dia vais parar e vais pensar 5 anos? O que são 5 anos na minha vida toda?

Força não será nada e vai passar rápido.

O tempo passou, nem sempre foi fácil, mas aqui estou perto da meta.

Um caminho é mesmo assim, existem sempre obstáculos, surgiram muitos, cai várias vezes e como diz o meu marido Sidney Silva,” cair todos caem, o importante é não ficar lá no chão, é levantar rapidamente.”

Obrigada a minha família, pela vossa compreensão e companheirismo.

Obrigada a minha enteada Miryan Silva, ao meu amigo Emanuel e a minha grande amiga Rita, pelo carinho e pela ajuda tão preciosa que me deu, sem vocês não seria possível.

Quero agradecer ao instituto Piaget, por ser uma instituição exigente e por se esforçar pela formação de bons educadores e também agradeço as duas instituições que se disponibilizaram para me ajudar neste estudo através das participações nas entrevistas.

Agradeço a Doutora Isabel Freire pelos conselhos tão bons capazes de mudar a minha vida, a doutora Isabel Correia, Helena de Castro e Cristina Gonçalves pela força, pela paciência e as vezes pelo simples sorriso ou uma palavra de conforto.

Um grande obrigado a professora Clementina Nogueira pela dedicação e pela ajuda na construção deste trabalho.

Introdução

O presente trabalho foi realizado no âmbito do Mestrado em Educação Pré-Escolar e nele aborda-se o tema da educação intercultural.

A abordagem de uma educação intercultural significa, segundo Peres (1999), construir uma sociedade aberta, consciente do choque de culturas, mas igualmente receptiva ao exercício da crítica e da postura ética, na defesa de princípios e valores.

Segundo Bizarro e Braga (s.d.), esta integração educativa começa quando o professor ajuda o educando a descobrir-se a si mesmo; só então este poderá pôr-se no lugar do outro e compreender as suas reações, desenvolvendo empatia. Os mesmos autores advogam que esta consolida-se quando o professor propicia a igualdade de oportunidades de todos os grupos presentes na escola e o respeito pela pluralidade, num plano democrático de tomada de decisões e de gestão de espaços de diálogo e de comunicação entre todos.

Na mesma linha de pensamento Sousa e Lopes (2003), defendem que “isto implica a inclusão no currículo de todas aquelas vozes ausentes dos conteúdos escolares: mundo feminino, mundo rural, cultura infantil, homossexuais, classe trabalhadora, pessoas portadoras de necessidades especiais, terceira idade, minorias étnicas e culturais” (p. 10).

Na escola não devemos apenas valorizar a cultura dominante, uma vez que a valorização das outras culturas existentes na escola pode ser uma estratégia potencializando a ação pedagógica, facilitando assim as aprendizagens, pois as outras culturas têm sempre algo a ensinar, têm outras formas de fazer, pensar, sentir.

Todas essas formas de fazer devem ser valorizadas.

No contexto atual, esta temática é uma das prioridades no que diz respeito às políticas educativas.

Os resultados apresentados na Direção Geral de Educação (2015 p.2) relativamente à Educação Intercultural, o programa apresenta a preocupação de:

Implementar políticas adequadas à integração social da população imigrante, assumindo como prioritárias as áreas da cultura e da língua, da educação e do emprego e qualificação profissional. Por outro lado, o mesmo plano determinou como objetivo dar um novo impulso à ligação efetiva entre Portugal e os cidadãos residentes no estrangeiro.

Hoje em dia verifica-se que as escolas são desafiadas a acompanhar e a adaptar-se às constantes mudanças na sociedade referentes à integração social das crianças provenientes de diferentes origens e com culturas diversas.

Enquanto futura Educadora cresceu em mim uma necessidade de fundamentar permanentemente a minha ação pedagógica, no sentido de qualificar a minha prática dando-lhe uma maior intencionalidade, tendo por base a investigação e reflexão constantes.

Convicta de que o presente trabalho poderá contribuir no contexto educacional para uma ampla noção de como se caracteriza a educação intercultural assim como as práticas utilizadas na integração de crianças de outras culturas. Espero com este trabalho dar exemplos de algumas práticas que possam ajudar na integração destas crianças.

Espero também dar algumas ferramentas aos profissionais de educação para serem capazes de dar resposta a diversidades culturais e conscientes das suas potencialidades e lacunas valorizando a aprendizagem ao longo da vida, sempre assente nos princípios e valores em que acredita/defende, os quais regem a sua vida e se refletem na sua prática pedagógica.

A vontade de querer saber mais sobre este tema surge quando frequentei o curso profissional de técnico de apoio à infância com a duração de três anos (2009-2012). No último ano deste curso realizei um estágio em ATL com a duração de três meses em Oeiras. Durante o estágio realizei um projeto intitulado “Toma lá, dá cá”. Este projeto teve início poucos dias depois do início do estágio. As crianças nunca tinham visto uma pessoa negra fazendo parte do corpo docente. Faziam várias perguntas como: Porque és castanha? Porque tens lábios assim (grossos)? Porque tens o cabelo assim (volumoso)? Com tantas perguntas da parte das crianças e com tanta vontade de descobrir o porquê das coisas resolvi implementar um projeto de trocas de culturas. Neste ATL existiam crianças brasileiras, romenas, portuguesas, guineenses e cabo-verdianas.

Durante o projeto trocamos informações sobre as diferentes culturas existentes na sala de ATL e no final todos ficamos a saber um pouco mais sobre as origens de cada um. Este projeto teve como base a multiculturalidade e a interculturalidade.

Esta vontade de querer saber mais sobre o tema ficou adormecido em mim. Como estudante do Mestrado em Educação Pré-Escolar surgiu a oportunidade de investigar esta temática de forma mais aprofundada. Assim sendo, neste relatório final

apresenta-se um estudo cujo objetivo consiste em **caraterizar a forma como a Educação Intercultural se realiza no contexto pré-escolar.**

Com base no nosso objeto de estudo formulamos os seguintes objetivos específicos:

Objetivos específicos:

- Perceber o que os educadores/professores entendem por educação intercultural;
- Saber como lidam com os problemas que surgem devido as diferenças culturais (discriminação, violência, identidade, intolerância);
- Perceber como valorizam as diferenças.

Optamos por escolher duas instituições escolares: um Externato privado, localizado no distrito de Setúbal e um Jardim-de-infância que é uma Instituição Particular de Solidariedade Social (IPSS), localizada no concelho de Loures. Ambas as organizações escolares pertencem à rede de escolas com selo intercultural, mas com níveis socioeconómicos diferentes. Essas características possibilitarão a comparação por contraste das realidades existentes nas duas instituições.

A metodologia utilizada assenta num estudo de caso múltiplo em que serão inquiridos os directores, coordenadores e educadores das instituições já referidas.

Este relatório segue a seguinte organização: Na primeira fase surge a introdução do trabalho que contempla a importância e a problemática do estudo; segue-se a fundamentação teórica, onde é apresentada a síntese de uma pesquisa bibliográfica realizada, com indicação dos principais conceitos; apresenta-se ainda a metodologia, que inclui as técnicas e os instrumentos utilizados na recolha de dados; sucede-se as considerações finais, onde apresentamos e analisamos os dados recolhidos; por ultimo, as referencias bibliográficas e os anexos de alguns documentos recolhidos e analisados.

Capítulo I- Práticas de Ensino Supervisionadas (PES)

Ao longo do meu percurso no mestrado em educação pré-escolar realizei dois períodos de PES que passo a apresentar.

1. PES I

A Prática de Ensino Supervisionada I foi realizada em Creche e foi de extrema importância para mim visto que foi a segunda vez que fiz estágio fora do local de trabalho. Refiro que este foi a segunda vez que realizei o estágio fora do local de trabalho, porque a primeira vez foi realizado com a PES II. Devido a motivos pessoais a ordem dos estágios foram trocadas. Primeiro realizei o estágio em pré-escolar e só depois em creche.

Os estágios anteriores foram sempre nas salas onde eu trabalhava como auxiliar.

Senti-me muito feliz por ter feito este estágio num local diferente, onde tive a oportunidade de me desapegar do papel de auxiliar de educação. O facto de estagiar na sala onde trabalhava, fazia com que o estágio não fosse tão rico, pois já conhecia as crianças, já sabia como lidar com a maioria. O facto de ser noutra instituição fez com que eu ficasse mais interessada, pois tudo que é novidade, é mais motivador e há muito mais para descobrir e aprender.

Tudo que aprendi no ensino superior foi útil, foi fundamental para o meu desempenho no estágio; principalmente a disciplinas de psicologia, esta ajudou-me a compreender e a resolver certos comportamentos apresentados pelas crianças nesta fase.

A disciplina relacionada com a pedagogia e didática ajudou-me principalmente na adequação das atividades propostas às idades das crianças.

O estágio em creche foi muito importante para mim, fiquei a perceber certas formas de realizar as atividades em sala na teoria não era suficientemente perceptível, mas que na prática têm muito significado para um bom funcionamento da sala e para o desenvolvimento das crianças. Como por exemplo, em teoria falamos muito da importância das rotinas, em contexto do estágio foi possível perceber o quanto a organização das rotinas em creche é importante e reconfortante para as crianças, pois a sequência repetitiva dessas atividades permite-lhes saber sempre o que vem depois.

Para além disso este estágio foi muito enriquecedor tanto para a minha vida pessoal como para a minha futura vida profissional, pois desenvolvi valores importantes como; a responsabilidade, o respeito e a ajuda o que é muito importante não só para a minha vida pessoal, mas também profissional.

Aqui consegui verificar que as ações dos adultos são muito importantes: manter sempre uma postura correta perante as crianças, pois mais do que palavras as crianças captam comportamentos. Está mais do que provado que a imitação é um processo de aprendizagem por isso se torna tão importante ter uma postura adequada perante quem está a experimentar um mundo onde ainda há tanto para aprender, tanto para dar e receber.

No decorrer do estágio foi gratificante ver a evolução das crianças e perceber as relações que estavam a ser criadas. Preocupe-me em criar interações positivas e relações de confiança para poder conhecer cada uma das crianças e perceber as suas necessidades.

A ligação com as famílias foi também uma preocupação. As crianças sentem-se felizes e confiantes quando os pais estão envolvidos. Com a construção de uma nova área da sala conseguimos a participação das famílias.

Considero que estas experiências na prática educativa foram uma mais-valia enquanto futura educadora.

Levo para a minha vida, a importância das crianças serem ativas e construírem as suas próprias aprendizagens, serem valorizadas pelos adultos com todas as suas características. Esta é a minha base como futura profissional da área da educação.

Penso que, enquanto estagiária, fui dinâmica, responsável e que estabeleci relações positivas com as crianças, através de atividades que iam ao encontro das necessidades observadas, como por exemplo, ao verificar que várias crianças estavam na fase de desfraldar, propus uma atividade que incentivasse este acontecimento: história "Quico larga as fraldas".

Por sua vez, com a equipa educativa houve sempre a preocupação de estarmos todos em cooperação, no sentido de trabalhar para os mesmos objetivos. Por exemplo, antes de planificar qualquer atividade consultava a equipa educativa no sentido de planificarmos todos juntos as atividades a desenvolver.

2.PES II

O estágio em jardim-de-infância foi realizado com crianças de 3, 4 e 5 anos. O tempo de estágio foi suficiente para adquirir várias experiências e aprendizagens, contudo, olhando para trás consigo encontrar erros que cometi e lacunas que tive durante o meu percurso que foram essenciais para perceber que futuramente não os posso cometer.

Alguns desses erros foram: não conseguir perceber que o amor e a firmeza andam lado a lado. Como estagiária muitas vezes receava ser mais firme ou repreender as crianças por algum comportamento menos correto que tivessem. Com o tempo, percebi que tinha o dever de as acarinhar, mas também tinha o dever de lhes chamar a atenção de uma forma mais firme quando fosse necessário, sem ter medo que essa atitude da minha parte fosse diminuir o afeto que tinha por elas e elas por mim.

Outro erro estava relacionado com a preocupação relativamente à minha avaliação feita pela orientadora e a professora cooperante. Por vezes preocupava-me em realizar as atividades por serem “bonitas e chamarem a atenção” e esquecia-me realmente das necessidades/ aprendizagens das crianças. Portanto, foram estes erros e dificuldades que foram surgindo ao longo do período de estágio que me ajudaram a crescer como futura educadora de infância.

Com este percurso, apesar dos obstáculos, não conseguiria estar onde estou hoje e, mais do que isso, permitir-me fazer uma introspeção sobre o que foi o meu percurso durante todo este tempo e como melhorar aspetos menos positivos. Aprendi que acima de tudo temos de ser Seres Humanos capazes de ajudar e compreender as pessoas que estão à nossa volta e só assim conseguiremos mudar o mundo. Mais do que um desafio foi uma aventura que me fez crescer como profissional de educação que pretendo ser.

2.1 O meu contributo para a sala verde

Fiquei muito feliz com a forma como fui recebida na sala verde. A educadora deu-me uma grande liberdade para explorar várias atividades com as crianças.

Penso que contribuí muito para o desenvolvimento do grupo, não só pela realização do projeto, mas pela pessoa que fui para elas, sempre disponível para brincar, para ouvir e ajudar no que fosse preciso.

A educadora da sala valoriza muito a expressão motora, sendo assim eu optei por desenvolver mais atividades relacionadas com conto de histórias, expressão dramática e expressão plástica.

Desenvolvemos um projeto intitulado “Aprender com as Histórias”. Com esse projeto introduzi na rotina diária a hora do conto em que todos os dias, depois das crianças estarem sentadas no tapete, eu contava uma história. Através das histórias foi possível trabalhar todas as áreas de conteúdo: área do conhecimento do mundo, formação pessoal e social e expressão e comunicação.

Para além deste projeto criamos o mapa das presenças em que todos os dias cada criança ia marcar a sua presença, trabalhando assim a tabela de dupla entrada.

Criamos também o mapa do chefe onde era colada a fotografia da criança selecionada para desempenhar o papel de chefe. Com esta atividade pretendíamos incutir nas crianças a liderança, a responsabilidade e organização. Tínhamos também o mapa do tempo em que o chefe, com a ajuda dos colegas, colava a imagem correspondente ao estado do tempo, o dia da semana, o dia do mês, o mês e o ano. Com esta dinâmica pretendia-se desenvolver nas crianças várias noções sendo elas: a noção do tempo, a contagem, os numerais ordinais, os dias da semana e os meses.

As atividades desenvolvidas estiveram sempre inseridas nos temas e nos planos semanais da sala.

Apesar do tema do relatório final ser a educação intercultural durante os estágios tive que seguir os planos de atividades e os projetos existentes; tudo que realizei foi alinhado com as educadoras cooperantes estando relacionado com o projeto das salas. Nesse sentido não houve grande abertura para trabalhar outros temas propostos por mim.

Capítulo II- Identificação do problema/ Fundamentação teórica

1.A Educação Intercultural

Conforme já referido anteriormente, a vontade de querer saber mais sobre este tema da educação intercultural surge quando frequentei o curso profissional de técnico de

apoio à infância com a duração de três anos (2009-2012). No último ano deste curso realizei um estágio em ATL com a duração de três meses em Oeiras. Durante o estágio realizei um projeto que teve como nome “Toma lá, dá cá”. As crianças nunca tinham visto uma pessoa negra fazendo parte do corpo docente.

Faziam várias perguntas como: Porque és castanha? Porque tens lábios assim (grossos)? Porque tens o cabelo assim (volumoso)?

Com tantas perguntas da parte das crianças e com tanta vontade de descobrir o porque das coisas. Resolvi implementar um projeto de trocas de culturas. Neste ATL existiam crianças brasileiras, romenas, portuguesas, guineenses e cabo-verdianas.

Durante o projeto trocamos informações sobre as diferentes culturas e no final todos ficamos a saber um pouco mais sobre as origens de cada um. Este projeto teve como base a multiculturalidade e a interculturalidade.

Esta vontade de querer saber mais sobre o tema, ficou adormecido em mim. Como estudante do Mestrado em Educação Pré-Escolar surgiu a oportunidade investigar esta temática de forma mais aprofundada. Com este estudo pretendo saber como se caracteriza a educação intercultural.

Segundo a UNICEF a convenção dos direitos das crianças assenta em quatro pilares fundamentais que estão relacionados com os outros direitos:

- A não discriminação, que significa que todas as crianças têm direito de desenvolver todo o seu potencial em qualquer momento, em qualquer parte do mundo.
- O interesse superior da criança deve ser uma consideração prioritária em todas as ações e decisões que lhe digam respeito.
- A sobrevivência e desenvolvimento realçam a importância vital da garantia de acesso a serviços básicos e à igualdade de oportunidades para que as crianças possam desenvolver-se plenamente.
- A opinião da criança deve ser ouvida e tida em conta em todos os assuntos que se relacionem com os seus direitos.

A escola é uma instituição social muito importante e responsável pelo respeito dos direitos das crianças. Através de uma abordagem intercultural e a educação para a cidadania as escolas conseguem promover o respeito por esses direitos.

Segundo a DGE (Direção Geral da Educação) a educação intercultural pretende promover o reconhecimento e a valorização da diversidade como oportunidade e como fonte de aprendizagem para todos, no respeito pela multiculturalidade das sociedades atuais, bem como desenvolver a capacidade de comunicar e incentivar a interação social, criadora de identidades e de sentido de pertença comum à humanidade.

A educação para a cidadania visa contribuir para a formação de pessoas responsáveis, autónomas, solidárias, que conhecem e exercem os seus direitos e deveres em diálogo e no respeito pelos outros, com espírito democrático, pluralista, crítico e criativo, tendo como referência os valores dos direitos.

De acordo com Díaz-Aguado (2000), a nossa sociedade vive atualmente mudanças demasiado rápidas e intensas que exigem inovações educativas de idêntica envergadura.

A educação neste início de século encontra vários desafios; entre eles está o de promover o respeito pelas diferenças étnicas, linguísticas culturais, raciais, de género e de condições sociais que propiciem a aproximação de uma democracia plural, assente no reconhecimento do outro, o que possibilitará a formação de um cidadão participativo, independente e consciente da sua importância e seu papel na sociedade. Neste sentido, uma educação que elabora uma proposta que contribua para a inclusão social é importante e essencial para minimizar as exclusões sociais, propiciando, assim, uma prática pedagógica que respeita a identidade e diversidade cultural e permite a liberdade de cada um.

Esta autora defende que educação intercultural é a forma ideal para concretizar este tipo de inovações, para além de constituir um meio para melhorar o respeito pelos direitos humanos.

Entendemos que a educação faz parte da cultura e ela exerce um papel fundamental na compreensão da realidade social, torna-se, portanto, necessário empreender processos educativos que procurem pensar uma sociedade em que cada sujeito social que nela habita possa aprender a viver junto compartilhando saberes. Deste modo, a cultura torna-se um dos elementos fundantes de compreensão do mundo em que vivemos e do lugar no qual estamos inseridos. Por outro lado, concordando com Veiga-Neto (2003) quando afirma que “a cultura é central não porque ocupe um centro, uma posição única e privilegiada, mas porque perpassa tudo o que acontece nas nossas vidas e todas as representações que fazemos desses acontecimentos” (p.6).

Uma das obrigações da escola é possibilitar o conhecimento da cultura e ensinar as pessoas de diferentes culturas a respeitarem-se e a conviverem pacífica e harmoniosamente. A escola deve divulgar a cultura e deve transmitir conhecimentos para que as crianças tenham uma mente pacífica isto fazendo com que as mesmas aceitem a diferença, saibam viver em comunidade e respeitem a diversidade cultural.

2.Diferença entre a multiculturalidade e a interculturalidade

A multiculturalidade é o reconhecimento das diferenças de cada pessoa. Para Hall (2003) o termo multicultural é qualificativo e “descreve as características sociais e os problemas de governabilidade apresentados por qualquer sociedade na qual diferentes comunidades culturais convivem e tentam construir uma vida em comum, ao mesmo tempo em que retêm algo de sua identidade original” (p. 52).

O mesmo autor, defende que a interculturalidade tem lugar quando duas ou mais culturas entram em interação de uma forma horizontal. Para tal, nenhum dos grupos se deve encontrar acima de qualquer outro que seja, favorecendo assim a integração e a convivência das pessoas.

Este tipo de relações interculturais implica ter respeito pela diversidade; embora, por razões óbvias, o aparecimento de conflitos seja inevitável e imprevisível, podem ser resolvidos através do respeito, do diálogo e da concertação/assertividade.

Para Pinto (1998) os conceitos de multiculturalidade e de interculturalidade são, muitas vezes, utilizados indistintamente. Mas, de acordo com este autor, existem diferenças:

(...) a tradição anglo-saxónica (Inglaterra, USA) parece preferir a designação multicultural para referir a procura da compreensão das especificidades de diferentes culturas em presença no meio escolar, enquanto os estudos europeus (continentais), sob influência dos trabalhos desenvolvidos pelo Conselho da Europa, preferem falar de intercultural, apontando para o conhecimento, reconhecimento e enriquecimento mútuo das culturas em presença (p.19).

O mesmo autor ainda afirma que o conceito de interculturalidade, que subscrevemos, aponta portanto, para uma interação e influência recíproca entre as

culturas; enquanto o conceito de multiculturalidade *parece centrar as suas preocupações no conhecimento do outro, sem que isso influencie o seu eu.*

Segundo Díaz-Aguado (2003) a cultura de um povo caracteriza-se principalmente pela língua, técnicas, hábitos, costumes, valores.

A língua: é o meio normal de comunicação entre as pessoas, sistema abstrato de signos e de regras gramaticais que possibilita a expressão e a comunicação. Onde não há língua não há sociedade e onde não há sociedade não há cultura.

A técnica: Todo o grupo humano desenvolve técnicas de trabalho de acordo com o ambiente, capacidade, criatividade e nível de sua civilização.

Valor: é um outro elemento fundamental de qualquer cultura, o primeiro valor em todas as culturas é a vida.

Quando uma criança nasce ainda é um ser não cultural. À medida que vai crescendo, vai-se apercebendo das maneiras de agir e de pensar do grupo em que está inserido e adota para si tais maneiras e assim se vai transformando num indivíduo daquele grupo. Assume os valores e normas desse grupo.

A introdução ou adaptação de elementos novos requerem um verdadeiro conhecimento da cultura e seus valores para se evitar a entrada de fatores estranhos negativos da vida social e moral da comunidade, daí a necessidade de reflexão crítica.

Este autor ainda refere que o homem é movido por ideias e ações; é um ser em constante transformação; possui uma “natureza inacabada”, ao mesmo tempo, não se constitui passivamente e também sofre a influência de sua produção, enquanto ser social.

Todo o grupo humano que se propõe a estas condições, ou seja, que se propõe às trocas, constrói a sua própria cultura, caracterizada por usos e costumes de tal forma que todos, em comum acordo, aderem a essa e outras práticas autorizadas pelo grupo. Organizam-se para que haja, no mínimo, a possibilidade de viverem juntos onde habitam.

A interculturalidade significa cultura universal onde cada cidadão respeita a cultura do outro sem discriminação sendo elas todas aceites universalmente.

A interculturalidade procura gerar uma interação mais harmónica para os expatriados, trabalhando a integração das diferenças a partir de relatos de situações vivenciadas pelos indivíduos ou grupos, estudos de casos, exercícios e dinâmicas.

A comunicação entre diferentes culturas leva a reconhecer que o outro que pertence a uma cultura diferente da minha é semelhante a mim e ao mesmo tempo é diferente. É semelhante a mim porque é pessoa como eu, pertencemos a mesma família humana; posso estabelecer uma comunicação com ele. É diferente porque tem hábitos e comportamentos e referências culturais diferentes das minhas; daí, conclui-se que ele também tem a sua identidade cultural.

Segundo Díaz-Aguado (2003) a escola, hoje deve educar para a multiculturalidade com a finalidade de:

- Facilitar a compreensão e a boa convivência social;
- Facilitar a comunicação entre pessoas de diferentes culturas;
- Ajudar as pessoas a adaptarem-se numa sociedade intercultural;
- Ajudar as pessoas a reconhecerem que todos os homens têm a mesma dignidade e devem trabalhar para o bem comum.

Ao longo do projeto de intervenção que realizei durante o curso de técnico de apoio à infância com crianças com idades compreendidas entre os 6 e os 10 anos, comparamos a cultura de Portugal e Cabo-Verde, verificando coisas que têm em comum, como por exemplo: ambos os países têm um vulcão, Cabo-Verde na ilha do Fogo e Portugal na ilha do Pico; em ambos os países a língua materna é o português; verificamos o porquê das pessoas africanas terem a pele mais escura, etc.

Ao longo do projeto as crianças ficaram muito empolgadas porque já percebiam porque eu tinha uma cor diferente, e ficavam felizes por ter uma professora “diferente”.

No final do projeto, todos ficámos mais ricos em conhecimentos e como pessoas capazes de respeitar o outro tal como ele é.

Para comemorar, fizemos um grande almoço onde havia vários pratos típicos de Cabo-Verde como a cachupa, doce de mancarra, etc. Alguns pais também levaram pratos típicos portugueses, brasileiros e angolanos.

Neste almoço o que mais me marcou foi o facto de ver crianças a trocarem algumas ideias em crioulo, a língua falada em Cabo-Verde. Aprenderam a falar algumas coisas comigo, o que me deixou muito feliz.

Outro episódio que também me marcou bastante foi um dia que uma criança trazia uma camisola com a bandeira de Cabo-verde estampada. Esta veio a correr ao meu encontro e disse que tinha algo para me mostrar. Fiquei muito feliz, pois esta atitude mostrou que este projeto foi realmente significativo para aquela criança, ao ponto de pedir aos seus países para estampar a bandeira do meu país na sua camisola.

A educação intercultural, começa com a compreensão do outro, num determinado espaço e tempo. Estes valores e estas atitudes interrelacionais carecem, no entanto, da devida formação para que sejam incrementadas na sociedade plural e justa.

3. O papel das instituições escolares na Educação Intercultural

A Direção Geral da Educação (DGE), em dezembro de 2012, com revisão em novembro de 2013, estabeleceu a Educação Intercultural como uma das linhas orientadoras da Educação para a Cidadania.

A DGE entende que a Educação para a Cidadania enquanto processo educativo visa contribuir para a formação de pessoas responsáveis, autónomas, solidárias, que conhecem e exercem os seus direitos e deveres em diálogo e no respeito pelos outros, com espírito democrático, pluralista, crítico e criativo, tendo como referência os valores dos direitos humanos.

A par de linhas orientadoras tão importantes como, por exemplo, a Educação para os Direitos Humanos, para a Igualdade de Género, para os Media, para a Saúde e Sexualidade ou para o Voluntariado (entre outras linhas orientadoras) encontra-se a Educação Intercultural. Como linha orientadora do mencionado processo educativo, a Educação Intercultural pretende promover o reconhecimento e a valorização da diversidade como uma oportunidade e fonte de aprendizagem para todos.

A educação deve formar cidadãos responsáveis e participantes mas, nessa nota introdutória, fica registado que o ensino individualista e elitista, unidirecional e reprodutivo não é coadunável com a educação participada e cooperativa e, por isso, menos formativa, democrática e intercultural.

O espaço educativo em que nos movemos é confrontado com uma nova realidade. Uma realidade vivida em Portugal, como noutros locais do mundo. Uma realidade que faz das nossas escolas mosaicos compostos pelas mais diversas origens, línguas, religiões e saberes. Todos esses saberes enriquecem e valorizam este espaço.

A Interculturalidade é também vista como um desafio pedagógico, que segundo Carneiro (2008), O autor faz referência à importância do Guia de Educação Intercultural, produzido e editado pela UNESCO (2006), produção, esta pedida pelos Estados-Membros, e reflexo da atenção e preocupação acerca desta temática. Neste guia é possível observar os três grandes princípios elencados pela UNESCO e fundamentais para a Educação Intercultural:

1. A Educação Intercultural respeita a identidade cultural do aluno, mediante a oferta de uma educação de qualidade para todos e culturalmente relevante;
2. A Educação Intercultural desenvolve em cada aluno o conhecimento cultural, as atitudes e as competências necessárias a uma participação ativa na vida da sociedade;
3. A Educação Intercultural garante a todos os alunos a aquisição dos conhecimentos, atitudes e competências que os capacitam a contribuir para o respeito, a compreensão e a solidariedade entre indivíduos, grupos étnicos, sociais e religiosos, e nações.

Correlacionados com as missões atrás enunciadas, a UNESCO referenciou cinco objetivos:

- o reduzir todas as formas de exclusão;
- o aprofundar a integração e o sucesso educativo;
- o promover o respeito pela diversidade cultural;
- o desenvolver a compreensão do outro;
- o fomentar a compreensão internacional.

Na sua aplicação, ainda indo ao encontro do guia produzido pela UNESCO, a Educação Intercultural deve contemplar uma variedade de dimensões e de instrumentos, como:

- A correta interação escola-sociedade;
- A governação das escolas;
- As línguas de ensino aprendizagem;
- Os métodos de ensino;
- A formação de professores;
- O currículo; os materiais de ensino.

Nesta linha de pensamento, a Comissão Internacional para a Educação no Século XXI, no seu relatório para a UNESCO, (Delors et al., 1996) apresentou uma proposta

centrada em quatro pilares, agora analisados mais profundamente, para as futuras aprendizagens:

- Aprender a Ser (prioridade intemporal, elege a viagem interior de cada um como um processo vivencial que confere significado à vida e à felicidade);
- Aprender a Conhecer (aprendizagem inserida na área do progresso científico e tecnológico, apela à necessidade de resposta à pluralidade de fontes de informação e à diversidade dos conteúdos multimédia);
- Aprender a Fazer (prioridade que pretende correlacionar conhecimento e aptidões, aprendizagens e competências, saberes inertes e ativos, conhecimento codificado e tácito, aprendizagens generativas e adaptativas);
- Aprender a Viver Juntos (apresenta o desafio de redescobrir a relação significativa, de elevar a coesão social, de viabilizar o desenvolvimento sustentável, espelhando os valores cívicos e apelando à participação).

Esta última prioridade aponta claramente para a valorização do outro, da sua cultura e das suas tradições, passa por ensinar os jovens a adotar a perspetiva doutros grupos étnicos ou religiosos para evitar incompreensões geradoras de ódio e violência entre os adultos.

Aqui chegados, devemos referir, pois, que a Educação Intercultural, como se comprova através das leituras atrás mencionadas, não se deve confinar ao espaço escolar ou à abordagem curricular enquanto proposta de intervenção em diversas áreas. Certamente, deve sê-lo. Mas deve igualmente procurar abranger um espaço de participação e pensamento social.

Miranda (2004) reforça a ideia de complexidade da Educação Intercultural, no entanto avança com alguns dos propósitos que a mesma visa:

1. A promoção da compreensão intercultural e internacional;
2. O reconhecimento e o respeito das diferenças culturais;
3. As questões dos direitos do Homem e da cidadania (responsabilidades humanas);
4. A garantia da igualdade das oportunidades (o sistema educativo deve favorecer a integração);

5. As estratégias a favor da universalidade de acesso ao processo de aprendizagem;
6. As estratégias que visam analisar as aptidões e os conhecimentos que as crianças trazem para a escola e utilizar essas aptidões e esses conhecimentos como recursos educativos.

Em síntese, da Educação Intercultural deve:

- Oferecer as condições para a igualdade de oportunidades educativas e para participar ativamente na sociedade e na transformação da cultura, dentro de uma sociedade democrática em que se formam novas gerações de cidadãos críticos que tomam decisões públicas para o desenvolvimento das estruturas e práticas sociais e culturais;
- Valorizar a diversidade e respeitar a diferença como elemento dinamizador e enriquecedor na interação entre as pessoas e os grupos humanos. Tomar consciência das práticas sociais e educativas individuais e coletivas que resultam de atitudes estereotipadas e preconceitos étnicos, culturais, sexuais ou sociais e desenvolver habilidades cognitivas, afetivas, comportamentais, pessoais e sociais para transformar estas práticas e as estruturas que determinam e legitimam o racismo, para evitar a sua produção (preconceitos individuais) e a sua reprodução (ideologias institucionais);
- Desenvolver competências multiculturais: conhecer, entender e valorizar diferentes percepções culturais para superar os etnocentrismos paralisantes e discriminadores;
- Favorecer o desenvolvimento de uma identidade cultural.

Esta forma de encarar a educação cultural poderá ser a garantia da participação plena de todos os cidadãos na sociedade, contribuindo para a igualdade entre todos, para uma cidadania exercida com consciência e respeito pelo outro na procura da partilha que são as mais-valias resultante da Interculturalidade, no entanto, perante este quadro, à Educação Intercultural reserva-se um lugar importantíssimo na construção que garanta a plena participação de todos no quotidiano social.

Também Miranda (2004) entende a Educação Intercultural como a educação no conhecimento, compreensão e respeito pelas diversas culturas da sociedade em que vivemos, ao passo que a educação multicultural faz referência só aos programas educativos que envolvem vários grupos étnicos.

4.Objetivos da investigação

Os objetivos permitem-nos identificar de forma sintetizada a razão de ser do problema pois, segundo Guerra (2007) “As finalidades indicam a razão de ser de projeto e a contribuição que ele pode trazer aos problemas e às situações que se torne necessário transformar” (p.163).

Assim sendo, o objeto de estudo consiste em **compreender como se caracteriza a Educação Intercultural**.

O objetivo deste estudo consiste em **caraterizar a forma como a Educação Intercultural se realiza no contexto pré-escolar**.

Para responder com mais profundidade ao nosso estudo criamos os seguintes objetivos específicos:

- Perceber o que os educadores entendem por educação intercultural
- Conhecer a importância do selo intercultural e o seu impacto na escola
- Saber como lidam com os problemas que surgem devido as diferenças culturais (discriminação, violência, identidade, intolerância)
- Perceber como valorizam as diferenças
- Perceber como envolvem as famílias no projeto intercultural
- Perceber se existem mudanças no papel do educador que possam ajudar no que respeita a educação intercultural

Apesar de já ter realizado um projeto que envolveu de certa forma a educação intercultural, pretendo investigar e aprender mais sobre este tema.

Nesta investigação pretendemos estudar duas instituições com selo intercultural, sendo uma privada e outra de solidariedade social.

No dia 12 de janeiro, p.p., a Direção-Geral da Educação (DGE) e o Alto Comissariado para as Migrações, I.P., (ACM, I.P.), com a colaboração da Fundação Aga Khan, Portugal, procederam à entrega do distintivo selo de Escola Intercultural aos estabelecimentos de educação e ensino públicos, particulares e cooperativos candidatos, que se destacaram na promoção de práticas que reconhecem e valorizam a diversidade como uma oportunidade e fonte de aprendizagem para todos/as.

O distintivo Selo de Escola Intercultural consiste num certificado e num selo digital com a distinção conferida, para utilizar em elementos de comunicação.

Candidataram-se a esta iniciativa 32 estabelecimentos de educação e ensino, tendo sido atribuídos 8 Selos de Escola Intercultural de Nível I – Iniciação, 17 de Nível II – Intermédio e 7 de Nível III - Avançado.

Depois de ter os objetivos traçados, optamos por escolher uma escola do distrito de Setúbal e um Jardim-de-infância do concelho de Loures, ambas pertencentes à rede de escolas com Selo Intercultural. Escolhi duas escolas com realidades diferentes em relação ao nível socioeconómico para ter oportunidade de verificar diferenças e semelhanças na abordagem ao tema da interculturalidade.

Escolhemos estas escolas, por marcar a diferença no que respeita a abordagem intercultural. Foram classificadas com o selo intercultural de nível II-intermédio por cumprir os critérios de uma escola intercultural. Para este fim, estas escolas através dos seus projetos educativos e das suas práticas, promovem o reconhecimento e a valorização da diversidade linguística e cultural, como uma oportunidade e fonte de aprendizagem para todos/as.

Capítulo III- Metodologia

Para dar respostas aos objetivos traçados a metodologia que será utilizada assenta numa investigação qualitativa -**Estudo de caso qualitativo**.

A investigação qualitativa tem na sua essência, segundo Bogdan e Biklen (1994), cinco características: (1) a fonte direta dos dados é o ambiente natural e o investigador é o principal agente na recolha desses mesmos dados; (2) os dados que o investigador recolhe são essencialmente de carácter descritivo; (3) os investigadores que utilizam metodologias qualitativas interessam-se mais pelo processo em si do que propriamente pelos resultados; (4) a análise dos dados é feita de forma indutiva; e (5) o investigador interessa-se, acima de tudo, por tentar compreender o significado que os participantes atribuem às suas experiências.

Ainda segundo os mesmos autores, na investigação qualitativa em educação, o investigador comporta-se mais de acordo com o viajante que não planeia do que com aquele que o faz meticulosamente. Enquanto a investigação quantitativa utiliza dados de natureza numérica que lhe permitem provar relações entre variáveis, a investigação qualitativa utiliza principalmente metodologias que possam criar dados descritivos que lhe permitirá observar o modo de pensar dos participantes numa investigação. Para Merriam (1988), nas metodologias qualitativas os intervenientes da investigação não são reduzidos a variáveis isoladas mas vistos como parte de um todo no seu contexto natural. É de salientar que ao reduzir pessoas a dados estatísticos há determinadas características do comportamento humano que são ignoradas. A mesma autora refere que para se conhecer melhor os seres humanos, a nível do seu pensamento, deverá utilizar-se para esse fim dados descritivos, derivados dos registos e anotações pessoais de comportamentos observados. Os dados de natureza qualitativa são obtidos num contexto natural ao contrário dos dados de cariz quantitativo.

Podemos caracterizar um estudo de caso da seguinte maneira: como um estudo de uma entidade bem definida como um programa, uma instituição, um sistema educativo, uma pessoa ou uma unidade social. Visa conhecer em profundidade o seu “como” e os seus “porquês” evidenciando a sua unidade e identidade próprias. É uma investigação que se assume como particularista, isto é, debruça-se deliberadamente sobre uma situação específica que se supõe ser única em muitos aspetos, procurando descobrir o que há nela de mais essencial e característico.

Com esta investigação pretendemos através do estudo de duas escolas com características específicas que é o facto de terem uma abordagem intercultural dar respostas que nos possibilitem caracterizar a educação intercultural.

Segundo Merriam (1988) “O estudo de caso qualitativo caracteriza-se pelo seu carácter descritivo, indutivo, particular e a sua natureza heurística pode levar à compreensão do próprio estudo” A mesma autora refere que um estudo de caso é um estudo sobre um fenómeno específico tal como um programa, um acontecimento, uma pessoa, um processo, uma instituição ou um grupo social” (p.9). Segundo a mesma autora, um estudo de caso é uma investigação que se baseia principalmente no trabalho de campo, estudando uma pessoa, um programa ou uma instituição na sua realidade, utilizando para isso, entrevistas, observações, documentos, questionários e arte factos.

Ludke e André (1986) afirmam que o interesse do estudo de caso incide naquilo que ele tem de único, de particular, mesmo que posteriormente fiquem evidentes certas semelhanças com outros casos ou situações. Estes autores acrescentam ainda que devemos escolher este tipo de estudo quando queremos estudar algo singular, que tenha um valor em si mesmo.

1.Técnicas de recolha de dados

As técnicas de recolha de dados foram: entrevista semi-estruturada aplicada aos diretores, coordenadores e às educadoras (Ver o guião em apêndice nº5).

Segundo Bodan e Biklen (1994) há ocasiões em que os investigadores entram no campo com um guião. Mantendo fidelidade à tradição qualitativa de tentar captar o discurso.

De acordo com Quivy (1992) afirma que “ (...) *os métodos de entrevista distinguem-se pela aplicação dos processos fundamentais de comunicação e de interação humana. Corretamente valorizados, estes processos permitem ao investigador retirar das suas entrevistas informações e elementos de reflexão muito ricos e matizados*”(193).

Segundo Bogdan e Biklen (1994, p.134), uma entrevista consiste numa conversa intencional, geralmente entre duas pessoas, embora por vezes possa envolver mais pessoas, dirigida por uma das pessoas, com o objetivo de obter informações sobre a outra. No caso do investigador qualitativo, a entrevista surge com um formato próprio. Em investigação qualitativa, as entrevistas podem ser utilizadas de duas formas,

podem construir a estratégia dominante para recolha de dados ou podem ser utilizadas em conjunto com a observação participante, análise de documentos e outras técnicas. Em todas as situações, segundo Bogdan e Biklen (1994), “a entrevista é utilizada para recolha de dados descritivos na linguagem do próprio sujeito, permitindo ao investigador desenvolver intuitivamente uma ideia sobre a maneira como os sujeitos interpretam aspetos do mundo” (p.134)

Para analisar as informações recolhidas utilizarei a análise de conteúdos. Concordando Bogdan e Biklen (1994) esta análise é o “processo de busca e de organização sistemático de transcrições de entrevistas, de notas de campo e de outros materiais que foram sendo acumulados, com o objetivo de aumentar a sua própria compreensão desses mesmos materiais e de lhe permitir apresentar aos outros aquilo que encontrou. A análise envolve o trabalho com os dados, a sua organização, divisão em unidades manipuláveis, síntese, procura de padrões, descobertas dos aspetos importantes e do que deve ser aprendido e a decisão sobre o que vai ser transmitido aos outros” (p. 205).

2.Procedimentos

Para a realização deste estudo o primeiro passo a dar foi consultar as listas de escolas pertencentes a rede de escolas intercultural. Posteriormente foram feitos vários contactos utilizando vários meios de comunicação (email, contacto telefónico, contacto pessoal) para obter autorização para a realização do estudo.

Escolhi estas duas escolas que vou passar em baixo a caracterizar, pois foram as que se mostraram mais disponíveis para a realização do estudo.

Depois de conhecer as características de cada uma das instituições pensei que o estudo se tornaria muito mais interessante se fizesse uma comparação por contraste das duas realidades, uma vez que apesar de ambas terem o Selo Intercultural pertencem a níveis socioeconómicos diferentes.

3. Caracterização das instituições

3.1 Caracterização da instituição nº1

Esta instituição é um Externato católico privada situada no distrito de Setúbal.

É apostando num acompanhamento pedagógico personalizado e contínuo que este Externato se propõe ajudar a desenvolver tais competências, pondo para isso ao serviço da comunidade um ensino moderno que preconiza a formação integral do aluno desde a creche, Ensino Pré-escolar, passando pelo 1º, 2º e 3º Ciclos, até à saída do aluno do Ensino Secundário (Cursos Científico-Humanísticos) diretamente para a Universidade. Atualmente, o Externato funciona com cerca de 700 alunos distribuídos pelos diversos ciclos de ensino. O nível etário dos aprendentes situa-se entre os três e os dezoito anos de idade. Os alunos são provenientes de vários extratos sociais com predominância de famílias do setor de serviços. A maioria destas famílias reside nas localidades que circundam o Concelho de Almada. Os alunos são maioritariamente de origem portuguesa, contudo, a escola integra também alguns alunos de outras origens culturais (Europeus, Africanos, Asiáticos, etc. ...). Para além disto, existem cerca de 80 agentes educativos distribuídos entre pessoal docente e pessoal não docente

Sendo uma escola católica, de inspiração humanista, pretende-se que esta instituição seja aberta a todas as convicções políticas e credos religiosos, potenciando nos alunos uma atitude positiva perante a vida e um espírito aberto ao mundo. Com uma relação pedagógica humanizada, querem desenvolver nos alunos uma cidadania participada e uma atitude criativa transformadora da realidade, assim como aprofundar o sentido crítico e construtivo face à globalização dos acontecimentos, isto de forma a conduzir à formação integral dos alunos numa estratégia de desenvolvimento personalizado. Conscientes de que a construção da Personalidade do adulto se apoia em estruturas adquiridas na primeira e segunda infância, consagrará toda a atenção ao desenvolvimento harmónico da criança, estimulando-a, socializando-a e corrigindo-a.

O Setor Infantil dispensará a todas as crianças uma atenção individualizada, permitindo a cada uma delas desenvolver-se física, psíquica e mentalmente para entrar em comunicação com o Universo que a rodeia, aperfeiçoando-se nos esquemas sensorio-percetivo-motor.

É grande o desafio que se coloca à escola de encontrar formas de responder efetivamente às necessidades educativas de uma população escolar cada vez mais heterogénea, de construir uma Escola Inclusiva e Compreensiva, uma escola que aceite e trate todos de forma integradora.

3.2 Participantes:

Neste estudo participaram:

A coordenadora de creche e jardim-de-infância e duas educadoras de jardim-de-infância.

A coordenadora da creche e do pré-escolar tem formação na área da gestão escolar e psicologia; para além de ser coordenadora também é psicóloga na instituição. Trabalha na instituição há 14 anos e exerce o cargo de coordenadora das duas valências há 6 anos.

Educadora 1 : É educadora de jardim-de-infância, de uma sala com crianças de 3, 4 e 5 anos.

Trabalha na instituição há 14 anos, mas exerce o cargo de educadora há 15 anos.

Educadora nº 2: É educadora de jardim-de-infância também de uma sala com crianças de 3, 4 e 5 anos. Trabalha na instituição há 14 anos onde iniciou o cargo de educadora de infância.

Para esta investigação propus entrevistar a diretor desta instituição, mas não foi possível entrevistar o mesmo devido a incompatibilidade de horário.

As entrevistas foram todas realizadas na instituição, no gabinete da direção, no dia 6.7.2018 pelas 13:00 horas

Para dar início as entrevistas, pedi autorização as participante para fazer a gravação.

Todas as participantes aceitaram a gravação das entrevistas. A entrevista a coordenadora da creche e do jardim-de-infância teve a duração de 20 minutos e as entrevistas realizadas às educadoras tiveram ambas a duração de 10 minutos.

3.3 Caracterização da instituição nº2

Esta instituição está integrada no Conselho Português para os Refugiados (CPR), organização Não Governamental para o Desenvolvimento (ONGD) que apoia os requerentes de asilo e refugiados em todas as fases do procedimento de asilo, acolhimento e integração na sociedade portuguesa. Tem também como missão sensibilizar a sociedade de acolhimento para a problemática dos refugiados, promovendo acções de formação, seminários e congressos internacionais sobre direito de asilo e refugiados.

Tem como oferecer um espaço único de convívio entre crianças de origens muito diversas que estimule atitudes positivas relativamente às diferenças culturais. Incorporam no Projecto Educativo actividades estruturadas que favorecem uma visão aberta da sociedade; Multiculturalidade é o tema do projeto pedagógico para os próximos 3 anos. Dão especial atenção no recrutamento do pessoal, ao seu interesse por este tipo de questões e temos actualmente colaboradores de diferentes origens.

Têm como missão desenvolver um projecto educativo e lúdico dedicado á família, em particular às crianças, que são estimuladas a olhar para si, para os outros e para o mundo. Queremos contribuir para preparar seres humanos completos, abertos às suas emoções, ao outro e à natureza.

Os seus valores e princípios passam por favorecer as relações positivas, Criar um sistema de partilha de espaços e actividades entre as crianças dos vários grupos etários; Proporcionamos a outras crianças a frequência pontual de actividades no espaço

Entre as crianças e o adulto a equipe, sabe que as relações positivas ajudam as crianças a sentirem-se valorizadas, a absorver melhor as experiências de aprendizagem e cooperar com os seus pares.

Entre os educadores e os familiares das crianças elas são fundamentais para a construção de ambientes que estimulam o crescimento e o desenvolvimento das crianças. Por isso, para além das formas tradicionais de contacto com a equipe “A Criança”, os encarregados de educação têm ao seu dispor ferramentas on-line de acompanhamento diário do seu educando.

A instituição Valoriza muito as relações entre a própria instituição e a comunidade porque este é um espaço aberto à comunidade, procuram oferecer apoio às famílias, através de sessões de informação e workshops, serviços de apoio à família, organização de festas, etc.

Esta instituição tem 77 crianças de várias nacionalidades e religiões (africanas, europeias e asiáticas, grande parte destas crianças são muçulmanas) distribuídas pelas valências de berçário, creche e jardim-de-infância; sendo que 22 destas crianças são filhas de refugiados que neste momento são apoiados pelo centro de apoio a refugiados.

A comunidade envolvente pertence ao nível socioeconómico médio baixo.

3.4 Participantes

Nesta instituição participaram a diretora que em simultâneo exerce o cargo de coordenadora do jardim-de-infância e duas educadoras, sendo uma educadora de jardim-de-infância e outra de creche.

Ao longo do estudo apercebi-me que também podia ser importante entrevistar alguma educadora de creche, pois acredito que a educação intercultural pode ser feita em todas as idades e não só em jardim-de-infância. Penso que o testemunho de uma educadora de creche poderia ser uma mais-valia para este estudo.

A diretora/coordenadora do jardim-de-infância exerce o cargo de diretora a 10 anos e o cargo de coordenadora a 8 anos. A sua formação é de educadora de Infância.

Educadora nº 1: trabalha na instituição há 3 anos, mas exerce o cargo de educadora há 15 anos. Trabalha com crianças de 1 e 2 anos.

Educadora nº 2: trabalha na instituição há 8 anos onde começou a exercer o cargo de educadora de infância. Trabalha com crianças de 3,4 e 5 anos.

Todas as entrevistas foram realizadas no dia 17.7.2018, na sala de reuniões da instituição. Pedi autorização para gravar as entrevistas a todas as participantes,

A entrevista à diretora/coordenadora teve a duração de 25 minutos, a entrevista à educadora de creche teve a duração de 12 minutos e da educadora de jardim-de-infância teve a duração de 10 minutos.

Capítulo IV- Análise e apresentação de dados

A análise e interpretação dos dados é algo que pressupõe uma investigação interpretativa, cuja principal característica é a sua natureza interativa, ou seja, é algo que está presente em toda a investigação, sendo utilizada sempre que necessária para a leitura /interpretação de dados.

O processo de tratamento dos dados centra-se na descrição fidedigna que corresponde ao registo escrito dos dados observados; seguindo-se a interpretação com o registo das notas inferenciais e posteriormente uma análise reflexiva devidamente fundamentada, com o objetivo de obter explicação que justifiquem os dados registados, no entanto, interpretar não é um processo fácil porque exige do investigador, um diálogo constante entre si e o que analisa/interpreta. Segundo Máximo-Esteves (2008) este processo é multifaseado. O autor refere que na primeira fase, as primeiras interpretações permitem verificar se os dados já coligidos se adequam às questões inicialmente formuladas; após efetuada uma leitura/análise de dados, os mesmos devem ser coligidos para criar as categorias pertinentes ao estudo; a categorização é um processo de redução do texto que procura a identificação e codificação das unidades de análise presentes no texto; criadas as categorias deve-se proceder à fundamentação com a finalidade de apresentar uma contextualização sobre o tema que se pretendeu investigar.

Neste sentido, tendo como base os dados registados a partir das entrevistas realizadas, coligi os dados de modo a sustentar o estudo pretendido porque, tal como advoga Bogdan e Biklen (1994), “a investigação qualitativa envolve pegar nos objetos e acontecimentos e levá-los ao instrumento sensível da sua mente de modo a discernir o seu valor como dados”(p.200). Assim sendo, passamos a apresentar os dados e análises dos *inputs* obtidos pelas entrevistas efetuadas em cada instituição.

1. Apresentação dos dados da Instituição nº 1

Nesta instituição as educadoras vêm a educação intercultural como sendo o respeito pela diversidade existente na instituição. Como refere a educadora nº1 “Já tive crianças muçulmanas, portanto temos que respeitar uns aos outros e educar os nossos meninos para essa interculturalidade, porque somos todos diferentes, mas todos iguais. É importante respeitarmos todos uns aos outros e aceitarmos todos como somos”. (verificar apêndice nº2, p.1)

Na mesma linha de pensamento, a educadora nº 2 considera que a educação intercultural acontece naturalmente. “Eu acho que desde que cá estou faço isso de forma muito natural, nem penso em falar sobre as culturas deles, eles próprios é que vão trazendo alguns costumes que têm, ou então os pais se oferecem para vir partilhar alguma coisa com eles. Acho que é tão natural que nem penso: “hoje vou trabalhar isso, ou aquilo. São eles que vão trazendo alguns costumes que fazem. Houve uma vez com uma menina mais escura, eles perguntaram porque que a menina era mais escura. Eu expliquei, tudo muito natural” (verificar apêndice nº2, p.1)

Na instituição existem, crianças de várias nacionalidades e religiões. Contudo, apesar dessa diversidade, as entrevistadas mostraram uma preocupação no que respeita as crianças muçulmanas, pois em todas salas existem crianças com essa religião. Como refere a coordenadora “Lá está, o que as crianças trazem de vivências, todas elas. Têm que haver respeito. Sobretudo com as crianças muçulmanas, porque não comem a mesma comida, os colegas respeitam, os colegas aprendem a perceber o porque que aquilo é assim, sem ser esquisito. Nós somos um colégio católico, podíamos até nem ter isso em consideração, mas não é assim, têm outra religião, é para aceitar. É muito enriquecedor. Fomos fazer um piquenique há pouco tempo e nos lembramos que no ano passado tivemos uma situação de uma menina que não levamos comida para ela, e nem nos apercebemos da situação. Trabalhamos isso com as crianças, é muito enriquecedor em todos os aspetos.” (ver apêndice n1, p.8).

Relativamente à promoção de interculturalidade a instituição tem em conta algumas medidas como por exemplo, apesar de serem uma instituição católica, recebem crianças de todas as culturas e religiões. Como consta no projeto educativo (2013-2016), “O Externato, não obstante os múltiplos condicionamentos que afetam o ensino em Portugal e apesar de algumas lacunas infra-estruturais, pretende fazer

desabrochar a pessoa como sujeito de decisões libertadoras e não educá-la em função da sua integração em esquemas sociais, políticos, ideológicos ou culturais, estereotipados e impostos.” (p.5)

Trata-se, de uma instituição que se rege pelos quatro pilares da educação referidos no relatório Delors: “aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a ser e aprender a viver juntos” com o objetivo de ser detentora de um espírito aberto, que procura sempre desenvolver nos seus educandos. Por exemplo, recebem crianças muçulmanas e têm a preocupação relativamente à alimentação; estas podem trazer a comida de casa. Como a instituição não adapta as refeições no caso destas situações, na mensalidade é retirada o valor da alimentação visto que estas trazem de casa.

Na organização dos grupos as crianças são distribuídas pelas faixas etárias e os grupos têm crianças de várias nacionalidades. Segundo a coordenadora este facto é uma mais-valia para a instituição e para todos. “Não temos meninos suficientes que justifiquem ter cuidado nessa divisão pelos grupos. Por exemplo na creche temos uma menina que só falava inglês, foi um bocadinho complicado para as vigilantes porque não sabiam falar inglês, mas eu disse mesmo a mãe: olhe vamos falar por gestos e a senhora, rimo-nos muito. Mas aquilo funcionou por desenhos, por gestos e a senhora foi aprendendo a falar português. Não! Não! Nós separamos naturalmente, pela faixa etária, vamos integrando-os nos grupos e é uma mais-valia para eles e para nós. Para todos.” (ver apêndice nº 1, p.3)

A instituição desenvolve alguns projetos relacionados com a interculturalidade. Desenvolveram um projeto que teve um grande impacto na instituição; esse projeto tinha como objetivo convidar as famílias a irem à instituição. “Este ano tivemos um tema muito interessante, conseguimos isso de uma maneira que nunca se tinha conseguido com outro projeto, porque pedimos à comunidade para vir a escola, às famílias para virem a escola e assim acabamos por ter uma grande riqueza nesse aspeto” (ver apêndice nº2, p.3)

A coordenadora e as educadoras afirmam que o projeto deste ano foi o melhor que já teve na instituição; envolveu toda a comunidade escolar. “Sim, Este ano fizemos “O Frei com vida” de ter vida e de convidar pessoas à escola. Até foram os pais que se ofereceram para vir falar de alguns temas ou costumes diferentes que tenham.” (ver apêndice nº 2, p.2).

Várias famílias foram à escola partilhar informações sobre as suas culturas, desde pratos típicos, histórias, músicas e trajes tradicionais. Na instituição acreditam que com estas práticas saem todos a ganhar, pois aprendem com as experiências.

Para além deste projeto, este ano desenvolveram um projeto muito interessante no pré-escolar, cada sala representava um país, tinham que ir investigar como era o natal no país que representavam.

“Nós fomos trabalhar o Natal nos diferentes países do mundo, por exemplo na minha sala, eu sou educadora da sala laranja. Calhou-nos a Finlândia, portanto cada sala calhou um país. Nós trabalhamos o Natal, fomos ver como é o Natal em cada país.

Portanto acabamos por conhecer como se faz nos outros sítios e mostrar aos meninos que existem outras formas de fazer e passar o Natal” (ver apêndice nº 2, pp. 3 e 4).

Viram que por exemplo na Venezuela há uma tradição de ir de patins para a missa, na Roménia ir cantar de porta em porta, nas Filipinas o festival das lanternas.

A festa de Natal deste ano foi o Natal no mundo; as crianças ficaram a conhecer algumas tradições de natal. Foram vendo que é diferente, e que até há países que nem festejam o natal.

As educadoras e a coordenadora acham que nesta instituição acontece tudo muito naturalmente, partem da curiosidade das crianças.

Trabalham temas pontuais que vão surgindo no dia-a-dia. “Nós falamos de tudo um pouco. Trabalhamos muito os temas de vida.” (ver apêndice nº2, p.4).

Por exemplo abordaram o tema dos animais, das famílias africanas, como é o país, os trajes tradicionais, e os pratos típicos. Fizeram o mesmo com a China. Vão vendo as diferentes famílias como é que eles se relacionam e que apesar de sermos iguais somos diferentes em alguns aspetos.

A coordenadora afirma que não prepararam nada de forma a obter o selo, já tinham práticas que aproveitaram para concorrer; tinham práticas não só a nível de jardim-de-infância e creche, mas no geral.

A interculturalidade é muito trabalhada na instituição, mas de uma forma muito espontânea. Acreditam que ganharam muito com a candidatura, pois perceberam que afinal tinham muitas práticas vocacionadas para a educação Intercultural.

“O que ganhamos com a candidatura foi percebermos que afinal fazíamos imensas coisas vocacionadas para tal. Não fizemos nada com o objetivo de. Fomos buscar, olha que giro! E aquilo, e aquilo. Fomos vendo os critérios e tínhamos lá todos. Portanto foi muito natural.” (ver apêndice nº 1, p.5)

O grande impacto que o Selo Intercultural teve na escola foi a tomada de consciência. As decisões passaram a ser mais pensadas. Por exemplo, este ano decidiram logo que a marcha tinha que ter este tema da interculturalidade. Essa tomada de consciência fez a equipa refletir sobre a importância destes temas com o da interculturalidade serem mais desenvolvidos com os alunos e de uma forma mais consciente também da equipa.

A coordenadora critica o facto de às vezes desenvolverem atividades e não as registarem. Afirma que ficam a perder pois desenvolvem tantas atividades relacionadas com o tema, mas não registam e só depois é que pensam “Ah! Afinal até fizemos imensa coisa, mas como não registamos não tínhamos essa noção.”

O Selo trouxe para a instituição uma grande tomada de consciência, o registar, o estarem atentos. As atividades com esse objetivo que antes eram espontâneas passaram a ser mais pensadas, existe mesmo uma intencionalidade.

Em relação à gestão escolar a vantagem de ter o Selo é darem atenção a um tema que cada vez mais deve ser valorizado, não só por receberem crianças doutra cultura, mas pela riqueza e aprendizagens que traz para todos.

A coordenadora defende que para estas crianças o mundo vai ser a sua casa e elas têm de saber estar aqui como na América, na África elas têm que saber estar e saber respeitar sobretudo. Esta tomada de consciência a nível de coordenação levou-os a ter atenção e abordar mais o tema, de forma mais coerente.

No que toca às vantagens e desvantagens na integração de crianças nascidas noutros países ou descendentes de cidadãos de outro país, as inquiridas afirmam que não existem desvantagens, mas sim algumas dificuldades como por exemplo, na creche

tiveram uma menina que só falava inglês que dificultou a comunicação entre esta e os vigilantes porque não sabiam falar inglês.

Tentaram encontrar uma solução. Decidiram falar por gestos, afirmam que foi muito divertido, e também utilizavam desenhos para se comunicar. Esta estratégia resultou até a mãe da criança aprender a falar português.

Para além deste caso, já tiveram outros que o facto de não falarem português torna-se difícil a comunicação.

A coordenadora partilhou uma pequena história de uma menina brasileira que a marcou muito. “Ela transformou o grupo das meninas. As meninas eram contidas, eram tímidas e eu fiquei com um grupo de meninas completamente espontâneas com ela era a dançarem, com o samba no pé. Esta miúda transformou a sala. Foi mesmo importantíssimo porque era um grupo mesmo difícil, muito fechado. “ (ver apêndice nº 1, p.8)

A interculturalidade é mesmo isso, o que as crianças trazem de vivências tem que ser respeitado.

Nesta escola envolvem as famílias pedindo sempre a sua colaboração nas atividades: “Pedimos sempre a colaboração da família.” (ver apêndice nº2, p. 11)

O projeto deste ano teve muito a participação dos pais, pois tinha mesmo como objetivo convidar os pais a ir à escola desenvolver atividades com as crianças.

Por exemplo houve umas mães que foram fazer um ateliê de pintura, houve um pai que trabalha na TAP e foi construir um avião e foram todos dentro do avião, houve muitas atividades, caça ao tesouro. Envolveram toda a comunidade, todos podiam vir a escola dinamizar o que pretendessem.

Valorizam a diversidade cultural existente na escola partindo do princípio do respeito.

As educadoras partilham da ideia que as crianças não ligam às questões culturais. “E o que é giro de ver é que os miúdos não notam que a menina é chinesa ou é africana.” Não há aquela questão da cor. Olha tens cor diferente! É engraçado que não há.” (ver apêndice nº 2, p.12). A mesma afirma que as crianças “estão tão habituadas a esta questão, a termos meninos de varias religiões e origens diferentes que para as crianças somos todos iguais, elas não notam.” Na óptica da educadora nº 2 “ somos todos iguais e não valoriza as diferenças, pois as crianças não pensam que são

diferentes umas das outras. Portanto, todos consideram que é muito importantes as crianças crescerem informadas da diversidade existente no mundo.

Não existem conflitos na escola devido as diferenças interculturais. As educadoras afirmam que existem sim conflitos naturais da idade, por exemplo, questões relacionadas com a partilha de brinquedos.

Tentam ao máximo que não haja diferenciação. Tentam incutir nas crianças que nós somos diferentes e que tem que haver respeito uns pelos outros.

Temos que respeitar sempre, seja menina, rapaz, doutra cultura ou religião, portanto tem que haver sempre respeito.

A educadora nº2 afirma que na sua sala já teve o exemplo de uma criança que teve um conflito de identidade. A criança dizia que não queria ser tão negra. Ela não se importava de ser escura, mas queria ser mais clarinha dizia ela.

A educadora mostrava-lhe sempre que a sua cor é linda e procurou perceber o porquê da criança dizer aquilo. A educadora trabalhou esse tema com o grupo de crianças e depois veio a perceber que a criança queria ser mais clara como a mãe e não tão escura como o pai. A mãe era o seu modelo a seguir, por esta razão identificava-se mais com a mãe.

Relativamente às formações relacionadas com a educação intercultural a instituição ainda não fez nenhuma. As equipas vão procurando as informações consoante os temas que se trabalha.

2. Apresentação dos dados da Instituição nº 2

Na instituição nº 2 os entrevistados defendem que a educação intercultural é muito importante, uma vez que na sociedade onde vivemos estamos cada vez mais englobados e convivemos todos os dias com pessoas de várias culturas e religiões.

Segundo a educadora nº2, entende que “a educação intercultural é trabalhar com diferentes culturas, crianças vindas de outros países, que têm outros ensinamentos, abordagens diferentes do que se está habituado” (apêndice nº3, p.19). A educação intercultural é mais do que isso, defende a educadora nº1. Esta afirma que “é importante respeitar a diferença de cada um, aquilo que pensa, aquilo que sente e a sua forma de estar e viver. (ver apêndice nº3, p.13).

Nesta instituição salientam que todas as escolas deviam trabalhar neste sentido; a educação intercultural não acontece só porque existem crianças de várias nacionalidades numa escola. Isto só acontece se houver respeito, pois todos nós temos uma forma de estar no mundo muito particular; o respeito por essas diferenças é importante.

Uma escola intercultural convive com a diferença de uma forma natural se houver respeito, o que a torna intercultural é mesmo isso, não é o facto de ter crianças de várias origens, mas sim a visão que temos de escola seja ela creche, pré-escolar ou primeiro ciclo. “Quando se fala numa escola inclusiva, fala-se em estar com a diferença e se nós soubermos respeitar isso sai naturalmente. Não se deve catalogar uma escola intercultural apenas por ter crianças de várias origens, não é isso que nos torna intercultural é a visão que temos da escola, seja ela pré-escolar, creche, primeiro ciclo etc.” (ver apêndice nº 3, p.18).

A educadora defende ainda que a escola como instituição trabalha com uma massa que são pessoas, todas as pessoas têm formas de estar, pensar e de sentir diferentes e temos que respeitar todas essas diferenças que são positivas. Acrescenta ainda que o que interessa aqui, não é apontar a diferença, mas sim agarrar na diferença e construir todos juntos aquilo que pensamos ser fundamental.

A instituição tem algumas medidas de promoção de interculturalidade, pois uma das missões da escola é a integração de crianças refugiadas, de acordo com o projeto do Conselho Português para Refugiados (CRP). Esta instituição apoia os requerentes de asilo e refugiados em todas as fases do procedimento de asilo, acolhimento e integração na sociedade portuguesa. Tem também como missão sensibilizar a

sociedade de acolhimento para a problemática dos refugiados, promovendo acções de formação, seminários e congressos internacionais sobre direito de asilo e refugiados.

Tentam fazer com que todas as atividades privilegiem a diferença e a interculturalidade. As crianças são integradas no grupo consoante a sua idade e não consoante as suas origens.

Na instituição existe a preocupação em relação a alimentação das crianças muçulmanas, a comida dessas crianças é confeccionada na própria instituição.

Para a promoção de interculturalidade a instituição desenvolveu alguns projectos. O primeiro projeto que houve, foi sobre a multiculturalidade. Tinham o mapa-mundo, vestiram as crianças com trajes típicos, viram os animais que existem naqueles lugares.

Depois tiveram um projeto sobre a promoção da cidadania, incluindo sempre a parte multicultural e intercultural, mas mais direccionado para o que são os nossos deveres enquanto pessoas, enquanto cidadãos.

A diretora é da opinião que às vezes há um pouco confusão entre civismo e cidadania. “As vezes as regras que funcionam bem para Portugal, ou seja, na cultura ocidental, não funcionam bem nos outros países.” A mesma afirma que nem sempre é muito fácil explicar que para uns esta bem de uma forma e para outros esta bem de outra forma e ambas estão corretas. E que ambas são formas de cidadania, considera que as vezes isso não é muito fácil. “Eu acho que o facto de estarmos realmente todos misturados aqui nesta instituição, faz com que as famílias da comunidade local vejam os refugiados como sendo pessoas ditas normais, porque às vezes há sempre aquela ideia de que os refugiados vêm com bombas ou que vêm tirar os empregos ou que vêm fazer confusão.” (ver apêndice nº3, p.4)

A diretora entende que a forma como a comunidade local interpreta as pessoas em situação de refugiados não é a mais correta e com o tempo acabam por perceber que não é assim, que os refugiados só querem paz, liberdade e bem-estar social. Por outro lado, também dá a ideia aos refugiados de como funciona em Portugal. Por exemplo, “às vezes dizemos que é para chegar até às 10:00 horas, eles vêm as 10:30 ou as 11:00; para eles esta tudo bem, faz parte da cultura deles, se não vão aquela hora vão a hora a seguir “ (ver apêndice nº3, p.5).

Os refugiados vão percebendo que realmente para que consigam ter um trabalho e uma vida ativa em Portugal há certas e determinadas regras que se tem mesmo de

cumprir. Pensa que o facto de várias culturas estarem juntas acaba por trazer benefícios para todos. Por um lado, ajuda aos refugiados a perceber como é que funciona a sociedade portuguesa e por outro lado, ajuda a sociedade portuguesa a perceber que os refugiados só querem estar em paz efetivamente. (ver apêndice nº3, p.5)

No jardim-de-infância trabalham muitas vezes a maneira de vestir, a alimentação que é diferente, as festividades que também são diferentes, algumas crianças não comemoram o natal com as suas famílias devido a sua cultura. Na altura do natal não trabalham o natal, é chamada a festa de final de ano, não é chamado natal, porque há muitas crianças que não festejam o natal e isso é muito respeitado pela instituição.

A educadora do jardim-de-infância acha que todas as famílias e todas as crianças deviam ter esta experiência de estar em contacto com a educação intercultural: “Há muitas pessoas que não sabem o que é o refugiado e muitas pessoas não os aceitam. Mas também não sabem as necessidades que eles tiveram, os conflitos.” (apêndice nº3, p.21)

A educadora da creche defende que a educação intercultural começa-se por ensinar e trabalhar muito o respeito.

Pensa que o trabalho em creche é um pouco diferente, porque eles saem do seio familiar e de repente vêm-se colocados numa instituição em que os estímulos são imensos em que a dinâmica é totalmente diferente. Então o que a educadora tenta sempre fazer é um acolhimento em que eles se sintam bem recebidos, em que se sintam dentro do grupo, em que se sintam amados e respeitados.

Esta defende que na creche não pode haver um projeto como existe no pré-escolar. Na creche o que se pretende, o que esta acha que é fundamental é por exemplo dois conceitos que estão sempre juntos, o educar e o cuidar: “Quando nós estamos a alimentar, a mudar a fralda ao mesmo tempo estamos a cuidar e a educar” Considera que se nós pegarmos numa coisa muito simples que é a alimentação, “a alimentação está muito ligada com a cultura. Não podemos impor a nossa dieta mediterrânica para todos. Se temos uma criança que tem outros hábitos alimentares, nós temos que os respeitar, este não é um projeto, não podemos chamar um projeto, mas é uma forma de estar com eles”. (ver apêndice nº3, p.15)

Considera que o importante enquanto educadora de creche é acolhê-los e fazê-los sentirem-se integrados dentro de um grupo, independentemente das suas origens, formas de estar, da sua bagagem cultural familiar.

Na preparação para a candidatura para o Selo Intercultural a afirma que o que acontece em muitas escolas e também na instituição em questão, é que fazem as coisas e não as registam e não pensam sobre elas muitas vezes.

O que ajudou em relação ao selo foi o facto de toda a instituição ter que parar e pensar sobre o que estavam a fazer, se estavam a fazer alguma coisa de importante e diferente e registar esses projetos e pequenas coisas que iam fazendo no dia-a-dia e que são realmente importantes. Também foi importante na entrevista para o selo, que foi realizada via skype, onde tem que estiveram: dois membros da direção, a coordenadora alguns pais das crianças da instituição.

A diretora afirma que foi importante ouvirem da parte das famílias o que era realmente importante, o porquê delas colocarem os seus filhos naquela instituição e não noutra, e qual era a importância que a escola tinha para elas. O selo fez a equipa realmente parar e pensar sobre o que estavam a fazer.

O selo que a instituição recebeu foi a nível intermédio, nível II. Como podemos verificar em anexo, existem critérios de avaliação para a aquisição do selo e os respetivos níveis (ver anexo nº1)

“Este ano ninguém recebeu III que é o nível avançado porque segundo as pessoas que coordenam o selo ainda não havia um envolvimento suficiente da comunidade e portanto esse é o nosso próximo objetivo; não no próximo ano letivo porque o selo é de dois anos. Nos outros anos letivos seguintes é realmente o nosso objetivo é conseguir envolver, dinamizar a comunidade, não para receber o selo, que não é esse o objetivo, mas podermos realmente fazer com que comunidade perceba e que participe na construção do projeto“ (ver apêndice nº3, pp.6 e7)

O impacto que mais sentiram com a atribuição do selo, foi as pessoas perguntarem o que era o selo, para que servia e o que beneficiavam com este selo.

O selo pode ser colocado em vários documentos oficiais e enquanto equipa o impacto foi muito grande, pois sentiram-se que o seu trabalho foi reconhecido e valorizado.

O facto de a escola ter o selo intercultural para as crianças é o natural, o normal é viver com diferentes culturas, conviver com diferentes crianças e portanto, para elas, isso é o normal.

Para os pais o grande impacto, segundo a diretora, foi realmente terem a noção que estão numa escola diferente, que respeita e que acha que a diversidade é o mais

importante, para conseguirmos ter um mundo com respeito e igualdade e, acima de tudo, dar as mesmas oportunidades a todas as pessoas.

A diretora considera que o facto de a escola integrar crianças de diferentes origens conduz para muitas vantagens e. Defende que o facto de nós podermos conviver com realidades diferentes é uma riqueza, porque há imensas coisas noutras culturas, desde histórias, canções, jogos, comidas, sabores, maneiras de funcionar que são muito diferentes da nossa que acabam por enriquecer a nossa forma de viver o mundo. A mesma é da opinião que os fluxos migratórios podem trazer vantagens, porque por exemplo um imigrante pode se casar com pessoas portuguesas, portanto haverá uma renovação, mesmo a nível de ADN e de sangue que é bom, que é positivo e também no aspecto de trazerem benefícios para a nossa cultura.

“Por exemplo muitos dos refugiados às vezes nós nem temos ideia, são pessoas formadas: são médicos, são engenheiros, são professores, são mil e uma coisas”.(ver apêndice nº3 p.9)

A diretora afirma que os refugiados não têm aqui esse reconhecimento, mas trazem sempre formas, maneiras de fazer as coisas diferentes. Ainda realça que se não fosse esta diversidade, este país estava muito mais envelhecido do que está hoje, porque são realmente famílias que têm mais filhos do que os portugueses.

Está de acordo que inicialmente há sempre um esforço a nível de integração, financiamento que o país tem que fazer, mas depois a recuperação desse investimento é muito maior do que foi dado ao início.

Conviver com todos e com todas as formas de estar é muito importante, pois só tem vantagens.

“O que é muito engraçado é que há pais que vêm e ensinam pequenas palavras da sua língua e eles vão para casa e contam, isso é extremamente enriquecedor (apêndice nº4, p.12).

As crianças terem contacto com outras realidades é muito enriquecedor.

A instituição envolve muito as famílias: têm duas festas, a festa de inverno em que as crianças fazem uma apresentação para os pais e têm uma outra festa que para a educadora de jardim-de-infância é o grande momento que é a festa da família em que todas as famílias da instituição são chamadas a participar, a conviver uns com os outros.

Relativamente à dinâmica de sala muitas vezes são chamadas para lancharem quando é o dia da mãe, dia do pai. Por exemplo outra atividade que recorrem muitas vezes é por exemplo a família participar através das expressões plásticas, muitas vezes pedem que façam um desenho, que decorem os símbolos que estipulam para decorar a árvore de natal. São as famílias que decoram a árvore de natal. Apesar de não festejarem o natal, com o presépio, como é habitual na cultura portuguesa. Decoram a árvore em conjunto.

Também pediram as famílias para escrever uma história relacionada com o seu país e já fizeram uma exposição da alimentação.

Realizaram um projecto que teve a aprovação da câmara de Loures em que chamaram os pais para contar histórias das suas terras, alguns pais levaram comidas típicas e deram a provar.

A instituição defende que estes projetos são essencialmente para que as crianças sejam cidadãos com consciência de que apesar de sermos todos diferentes, todos temos o nosso lugar. A nossa ideia é que eles saibam: “tudo bem, não somos todos iguais, nem temos de o ser, mas temos todos os mesmos direitos e por isso tentamos sempre que isso esteja bem presente no dia-a-dia”. (ver apêndice nº3, p.3)

A diretora é da opinião que com as crianças da escola isso é muito fácil, como elas são muito pequeninas ainda não têm aquela perceção que têm uma cor diferente ou uma religião. “Não é relevante, não é por aí que eles não brincam uns com os outros. Mesmo quem não fala a língua acaba por rapidamente falar, porque as brincadeiras são universais, não há a barreira da língua. Nós não temos que os ensinar a falar português, eles vão aprendendo a falar à medida que vão convivendo. É tudo muito simples e natural para eles, não é uma pressão pronto” (ver apêndice nº3, pp.3 e 4).

A diretora é da opinião que as famílias devem continuar a falar a língua materna com as crianças, não é por isso que ela não irá aprender o português, com o tempo a criança aprende. Não existe nenhum tipo de pressão neste sentido. O que acontece muitas vezes é que falam um pouco mais tarde.

A instituição valoriza a diversidade cultural existente na escola respeitando-as e tentando sempre trabalhá-las na pequena comunidade que é a creche e o jardim-de-infância.

“Valorizo quando peço a participação delas, quando as trago para dentro da nossa sala, todos são importantes. Por vezes as várias formas de ver a mesma situação são uma mais-valia” (apêndice nº4, p.14).

A educadora é da opinião que a forma de valorizar é acolhê-los e respeitar a sua forma de estar, forma de ser e de pensar e que é importante valorizarmos, porque se nós valorizarmos eles também vão valorizar, assim as crianças terão um olhar muito mais abrangente sobre o mundo.

A diretora refere que estão sempre a tentar arranjar mais formas de valorizar esta diversidade cultural mas, essencialmente acha que valoriza porque respeita a cultura que as pessoas trazem; “não queremos que as pessoas que vêm sejam portuguesas, ou seja, sejam portuguesas no aspecto que mudem os seus hábitos, mudarem as suas culturas.” (ver apêndice nº 4, pp 14 e 15)

A instituição acha que é importante que mantenham o que trouxeram, a sua identidade cultural e que se adaptem ao local onde estão atualmente.

Relativamente aos conflitos devido à interculturalidade existente na escola os entrevistados referem que nunca aconteceu, defendem que estes tipos de conflitos nunca aconteceram, pois toda a equipa trabalham na mesma direção. O que importa é existir respeito pela diversidade existente. “Se nós respeitarmos seremos respeitados e conseguimos viver todos em harmonia” (ver apêndice nº 4, p.16)

A instituição tem várias parcerias. Têm parcerias com o Ministério da Educação que atribui o selo intercultural, com o SEF, com a Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Câmara de Loures, com a União de Freguesias da Póvoa de Santa Iria, São João e Bobadela, com o Centro de Saúde, com os bombeiros, com a PSP.

Vão fazendo várias parcerias, de forma a melhor responder as necessidades da comunidade.

“São sempre importantes quando falamos em integração, não podemos só pensar no âmbito da educação, temos que pensar na vida ativa e todos esses serviços são realmente importantes, a saúde, a nível da policia também é importante, porque as vezes há uma ideia diferente em relação à policia e a policia tem uma ideia diferente em relação aos refugiados e aos imigrantes.” (ver apêndice nº4 p.17)

“A câmara já apoiou em vários projetos, por exemplo, a imagem que foi pintada numa parede da escola foi a câmara através de uma artista plástica é que pediu para pintar, portanto encontram-se muitas vantagens em ter parcerias e cada vez mais só

conseguimos viver em rede e em comunidade e, se isso não acontecer, cada um fechadinho no seu quintal, não dá”(ver apêndice nº 4, p. 17).

No que respeita a formação dos educadores relativamente a educação intercultural a instituição faz uma reunião de equipa todos os meses em que estão presentes todos os educadores, todos os auxiliares, todas as pessoas que estão com as crianças. Para além desta reunião de equipa são obrigatórias algumas horas de formação e depois cada pessoa procura e vê qual é a formação que quer fazer.

Existem várias formações durante o ano letivo não só sobre a multiculturalidade, mas em geral porque a instituição defende que o processo de cada um de nós de formação não termina quando terminamos um curso. Isso é o começo.

A diretora pensa que muitas vezes as pessoas acomodam-se porque fazem bem o que fazem e não procuram aprender mais, descobrir mais, saber como é que se faz de forma diferente. Acha que isso é muito importante, falamos sempre em equipa e tentamos que as pessoas procurem mais informação.

3.Comparação entre as duas instituições

Ambas as escolas assumem que é de extrema importância respeitar as religiões das crianças, nomeadamente das crianças muçulmanas, pois são as únicas que têm uma alimentação diferente.

Relativamente à alimentação das crianças, enquanto na escola nº 1 podem levar a sua comida de casa, na instituição nº2 a comida é confeccionada na própria instituição e têm em conta que estas crianças comem uma refeição diferente das outras.

As instituições mostram grande preocupação em melhorar os registos das atividades desenvolvidas. Criticam o facto de muitas vezes realizarem muitas atividades relacionadas com o tema da interculturalidade e não as registar, perdendo assim a oportunidade de refletir na sua intencionalidade educativa. Esse é um aspeto que pretende melhorar.

Ambas as instituições referem que não existem conflitos devido à interculturalidade, afirmam que existe conflitos normais das idades.

Para as crianças não é relevante o facto de não serem da mesma cultura. Elas brincam naturalmente. Para elas essa realidade é natural.

No que respeita ao Selo Intercultural a escola nº 1 não se preparou para a candidatura. Simplesmente foram vendo os critérios para essa candidatura e verificaram que se enquadravam nos mesmos. Desenvolviam muitas práticas interculturais.

A instituição nº2 teve cuidado na preparação para a candidatura, tiveram em conta os projetos a desenvolver.

Esta mesma instituição tem muitas parcerias por exemplo com o SEF, com a PSP, com a Santa Casa da Misericórdia, estas parcerias estão relacionadas com o meio social que a instituição esta localizada. Estas parcerias existem para melhor poderem responder às necessidades da comunidade envolvente.

Capítulo V- Implicação do estudo para a prática profissional

Esta investigação foi extremamente rica para a minha futura prática pedagógica, pois através da mesma tomei contato com a realidade da interculturalidade nas instituições a que me propus investigar.

Sabendo que vivemos numa sociedade cada vez mais pluralista, parece-me de extrema importância o papel do educador na mesma e a sua intervenção assertiva num contexto intercultural, apesar de nas instituições onde realizei este estudo não ter constatado nenhuma oposição à integração de crianças de diversas culturas, cor, raça ou religião. Parece-me de grande importância refletir continuamente sobre este tema, pois apesar da minha constatação factual ter sido positiva, não quer dizer que é realidade de todos, pois não tive oportunidade de entrevistar pais e outros agentes educativos, ficando a meu ver uma incógnita se a comunidade educativa em geral tem comportamentos assertivos em relação a interculturalidade.

Enquanto futura educadora gostaria de ter ferramentas para dar resposta as necessidades de grupos sociais de crianças/famílias pertencentes a diferentes etnias e culturas, uma vez que a instituição educativa deve trabalhar para que cada criança se desenvolva com atitudes e capacidades para aprender a viver numa sociedade em constante mudanças e conflito independentemente da sua realidade cultural.

Esta investigação permitiu-me entender com maior profundidade a importância do educador neste contexto, sendo este um agente importante no respeito por diversas culturas e regras das mesmas, permitindo assim que cada criança cresça de acordo com a sua cultura sem preconceitos, não ferindo a identidade cultural de cada uma.

É extremamente importante que o educador numa primeira fase acolha as famílias respeitando a sua realidade específica, sem querer impor padrões culturais, excepto em casos que afetem a dignidade humana. Com esta atitude de abertura estabelecem-se pontes entre diferenças.

Ao se sentirem acolhidas e aceites como são, as famílias tendem a abrirem-se e a compreender as diferenças e a cultura do país de acolhimento, uma vez que não foram pressionadas a tal

Havendo respeito mutuo possibilita uma convivência e cooperação harmoniosa entre diferentes culturas, unindo-se no que é essencial no respeito e na dignidade humana.

Capítulo VI- Considerações finais

Neste estudo pretendeu-se caracterizar a forma como a Educação Intercultural se realiza no contexto pré-escolar e analisar o modo como é feita a abordagem intercultural em duas instituições com Selo Intercultura.

Após a interpretação dos dados e do estudo realizado, é possível, no decorrer deste trabalho, fazer uma análise que vá ao encontro da questão de partida e dos objectivos inicialmente propostos.

A Interculturalidade nas instituições é vista como uma mais-valia para a comunidade educativa. As instituições vão se adaptando para dar resposta a diversidade cultural existente.

A educação intercultural é entendida como uma abordagem que respeita as diferenças, convive com a diversidade cultural e promove a inculturação, isto é, faz com que as várias culturas se cruzem num enriquecimento mútuo sem que uma se sobreponha as outras

A aquisição do Selo Intercultural foi de extrema importância para as instituições visadas. Para uma, porque trouxe o reconhecimento do trabalho realizado e para a outra porque, constituiu a confirmação de uma prática já existente que sendo exercida de forma espontânea evoluiu para uma forma institucionalizada.

Assim sendo o selo constitui uma mais-valia pedagógica para as referidas instituições marcando-as pela diferença.

Os projetos que desenvolveram relacionados com este tema servem, essencialmente, para que as crianças sejam cidadãos com consciência que a diferença cultural é uma riqueza e não impasse à convivência harmoniosa entre os seres humanos e ao desenvolvimento da sociedade em geral.

Desde modo, pode-se construir a unidade na diversidade. Assim cada um tem o seu lugar próprio que lhe é reconhecido. A igualdade é feita na dignidade e nos mesmos direitos e oportunidades.

Não foram detetados problemas (discriminação, violência, intolerância) que surgem devido as diferenças culturais.

Foi identificado o caso de uma criança que não gostava da sua cor, mas neste caso a equipa trabalhou a questão em grupo e demonstrou à criança o quanto as suas características eram bonitas e incentivou-a a gostar das mesmas

Verificou-se que esses conflitos não surgem no pré-escolar, as crianças brincam e convivem umas com as outras naturalmente. As características, culturais, a cor da pele, a religião, etc não se mostraram relevantes neste contexto. As crianças estão habituadas a conviver com esta realidade e com esta diversidade.

Mesmo para quem não fala a língua, tentam arranjar constroem-se estratégias de comunicação.

Com as entrevistas percebi que estas instituições defendem que as crianças devem continuar a falar as suas línguas maternas com as suas famílias e na escola vão aprendendo o português de uma forma muito natural.

O envolvimento das famílias também é muito importante, pois através desta troca de informações culturais todos ficam a ganhar, sendo muito enriquecedor.

Relativamente à formação dos educadores, penso que deve de existir um pouco mais de investimento da parte das instituições.

Ainda resultante das entrevistas realizadas, observou-se que há um cuidado com a promoção e valorização das práticas interculturais nas instituições.

Relativamente a todo o percurso feito até aqui, foi de extrema importância, aprendi e cresci muito neste processo de aprendizagem. Aprendi que podemos fazer sempre melhor e que nunca devemos desistir dos nossos objetivos, mesmo que a meta seja difícil de alcançar.

Como futura educadora de infância quero ser uma pessoa capaz de saber ouvir, saber exprimir e acima de tudo saber orientar o grupo e promover aprendizagens significativas nas diferentes fases de desenvolvimento das crianças. Quero ser uma pessoa atenta e que saiba identificar as necessidades de cada criança. Quero saber refletir sobre o meu desempenho e com isto fortalecer a minha prática. Quero ser um apoio para o desenvolvimento e educação de cada criança.

Referências bibliográficas

Almeida, J. F. e Pinto, J. M. (1995). *A Investigação nas Ciências Sociais*. 5ª edição
Lisboa: Editorial Presença

Aguado, M. (2000). *Educação Intercultural e Aprendizagem Cooperativa*. Porto: Porto
Editora

Américo Peres, Nunes Peres(1999). *Educação Intercultural: utopia ou realidade?*,
Porto, Profedições, Lda

Bogdan, R e Biklen, S. (1994). *Investigação Qualitativa em Educação*. Porto: Porto
Editora

Carneiro, R. (2008). *A Educação Intercultural*. Portugal: percursos de
interculturalidade. Lisboa: ACIDI.

Guerra, I.(2007). *Fundamentos e Processos de Uma Sociologia de Ação*. Estoril:
Principia Editora

Hall, S. (2003). *A questão multicultural*. In: *Da diáspora*. Belo Horizonte: Editora

José Sousa e Miguel Lopes. (2003). *Que modelo educacional para uma formação
intercultural de professores?* Porto: Porto editora

Ludke, M. e André, M. (1986). *Pesquisa em Educação – Abordagens Qualitativas*. São
Paulo: Editora Pedagógica e Universitária.

Máximo-Esteves, L. (2008). *Visão Panorâmica da Investigação-Ação*. Porto: Porto
Editora

Merriam, S. (1998). *Qualitative Research and Case Studies Applications in Education*.
San Francisco: Jossey-Bass Publishers.

PINTO, V: F. (1998). *A Educação Multicultural: em 1998, a carta dos direitos humanos*.
Diálogo Entreculturas. Caderno 25. Lisboa: Ministério da Educação.

Quivy, R. & Campenhoudt, L. (1992). *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. Lisboa: Gradiva.

Shaffer, David W. & Serlin, Ronald C. (2004). *What good are statistics that don't generalize?* Educational Researcher

Spradley, J.P. (1980). *Participant Observation*. Orlando- Florida. Harcourt Brace Jovanovich College Publishers

Tashakkori, Abbas & Teddlie, Charles (1998). *Mixed methodology: Combining qualitative and quantitative approaches*: Thousand Oaks, CA: Sage Publications.

Veiga-Neto, A. Cultura, culturas e educação.(2003) In: *Revista Brasileira de Educação*. São Paulo

Projetos da instituição nº 1. Acedido a 25 de Outubro de 2018 em <https://www.freiluisdesousa.pt/projeto/>.

Projeto da instituição nº2. Acedido em 25 de Outubro em http://www.refugiados.net/1cpr/www/a_crianca/acrianca_novo.

Anexos

Apêndices